

(organização de) Ana Fernandes

VISÃO DE PORTUGAL POR ESTRANGEIROS

1.ª JORNADA

FICHA TÉCNICA

Título: Visão de Portugal por estrangeiros - 1.^a Jornada

Autor: Vários

Organização: Ana Fernandes

1.^o Edição — 300 exemplares

Apoios: Fundação para a Ciência e Tecnologia
Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira

EDEN GRÁFICO, S.A.

Fotocomposição, Montagem, Gravuras e Impressão:

Rua dos Casimiros, 21 - Telef. 232425032 / 232425048 - Fax 232422617

Apartado 2047 — 3510-061 VISEU

Depósito Legal n.º 188230/02

ISBN: 972-95878-1-7

Viseu, 2002

PREFÁCIO

O projecto “Visão de Portugal por estrangeiros” nasceu da vontade de juntar investigadores do núcleo de Viseu do *Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira* - e outros exteriores a este centro de investigação - cujo objecto de estudo e de trabalho são as literaturas estrangeiras. Assim, teve lugar em 2002 uma primeira jornada que se concentrou no século XX, mas que deu mostras de abordagens culturais e literárias em que estiveram presentes diferentes literaturas e se aflorou algum cinema estrangeiro que tentou retratar Lisboa.

Mais ou menos limitadas a um espaço geográfico português, todas as comunicações apresentadas, e que vêm à estampa neste volume, revelaram quanto o diálogo intercultural pode ser enriquecedor e pode dar a conhecer a nós, Portugueses, uma visão que muitas vezes escamoteamos de nós mesmos.

A Directora do Projecto,
Ana Fernandes

**CONSTRUÇÃO INTERTEXTUAL DE LISBOA NA
VIAGEM AO TEJO COM PESSOA NA BAGAGEM DE
EGYD GSTÄTTNER**

Mário Matos
(Univ. do Minho)

Apesar de se tratar de um lugar-comum, quero começar por relembrar que: *a viagem, entendida quer como deslocação física, quer como movimento mental (por exemplo, por via da leitura), é a condição prévia de qualquer percepção e representação intercultural.* Não é por isso de surpreender que o género narrativo que dela faça seu objecto primordial de (re)criação, isto é, a literatura de viagens, tenha tradicionalmente assumido um papel privilegiado na construção e mediação de imagens e miragens de países e sociedades estrangeiras. Embora seja inquestionável que a literatura de viagens tenha vindo sucessivamente a perder o seu predomínio como meio representacional de alteridade para outros *media* concorrenciais, ela continua porém a desempenhar uma importante função imagológica cujos mecanismos, modos e formas de *construir* o Outro convém perspectivar e analisar tanto num contexto sincrónico como numa dimensão diacrónica. É precisamente o que aqui me proponho fazer em relação a uma narrativa de viagem muito recente, nomeadamente, o livro *Februarreise an den Tejo*, escrito em 1996 mas somente publicado em 2001, em que o jovem escritor

austriaco Egyd Gstättnner encena uma viagem a Lisboa. Conforme facilmente se depreenderá da sua versão portuguesa editada, pela mesma altura do original alemão, sob um título que desvenda desde logo um dos segredos do texto, essa *Viagem ao Tejo com Pessoa na bagagem* é em parte empreendida nos trilhos do poeta lisbonense dos heterónimos. Mas antes de centrarmos a nossa atenção nesta visão da capital mais ocidental da Europa por via de um olhar centro-europeu de final do século XX, permitam-me expor aqui previamente algumas reflexões breves e generalistas acerca do desenvolvimento mais recente da literatura de viagens.

A heterogeneidade extrema de um género textual que vive, por assim dizer, de uma complexa intersecção narrativa do fictício e do factual, da experiência concreta e da imaginação, em suma, de uma transversalidade "friccional" que se sobrepõe à eterna discussão sobre se se deve encaixar a literatura de viagens na gaveta da ficção ou na categoria do documental, poderia, à primeira vista, considerar-se uma característica prejudicial à sua identidade. No entanto, essa aparente debilidade da literatura de viagens, ou seja, a sua *(trans)fronteiricidade* tanto a nível temático como formal revelou-se ao longo da história, pelo contrário, precisamente como uma espécie de catalisador, assegurando-lhe uma evolução dinâmica assente numa extrema flexibilidade e adaptabilidade às continuidades e descontinuidades de modelos de realidade e convenções socioculturais. Os tempos mais recentes, com seus aceleradíssimos ritmos de transformações de interferência directa na prática e teoria da viagem e, conseqüentemente, nas suas múltiplas formas de representação, têm-no provado. Face à explosão dos meios de transporte e comunicação, do turismo de massas e de uma fortíssima concorrência (multi)medial - alterações que parecem ameaçar o multissecular (quase) monopólio da literatura de viagens como meio de transmissão de informações sobre realidades estrangeiras -, deparamo-nos pois com diversos indicadores que têm vindo a fornecer argumentos férteis à profecia, hoje fortemente generalizada, de uma iminente extinção do género. No entanto, contrariamente a esta lógica "necrológica", tem-se assistido durante as últimas duas décadas a um súbito reflorescimento da literatura de viagens.

E mesmo que dela se exclua - por razões meramente heurísticas - o guia turístico, que por si só enche não só estantes mas secções inteiras das livrarias; mesmo que se deixe de lado as inúmeras revistas, os jornais e respectivos suplementos especificamente dedicados ao tema, assim como o mar de relatos de viagens electrónicos publicados na Internet; mesmo que - num exercício puramente académico - se queira delimitar a narrativa de viagem ao campo da literatura entendida como *sistema* de plena autonomia estética que abdica de uma (falaciosa) concepção realista, rompendo assim com o tradicional conceito mimético-representacionista da arte e da literatura de viagens em particular; mesmo que se tente estabelecer parâmetros muito rigorosos, delimitações estanques que nunca serão capazes de abarcar a polifónica diversidade do discurso narrativo da viagem; mesmo assim restar-nos-á sempre um enormíssimo *corpus* literário produzido e absorvido pelo público leitor durante as últimas décadas. Não obstante este surpreendente ressurgir de um género que, ora seguindo as pisadas do relato de viagem mais ou menos convencional, continua a (auto-) entender-se como transmissor de "realidades" estrangeiras, ora abdicando claramente dessa funcionalidade extraliterária, denota traços esteticamente interessantes e inovadores, a esmagadora maioria dos trabalhos críticos e científicos sobre o tema tem insistido em enquadramentos da literatura de viagens quer histórica quer metodológica e epistemologicamente remotos. Ensaios, como por exemplo o de Jacinta Maria Matos, para aqui citar apenas o nome de uma colega portuguesa, dedicados à literatura de viagens na era pós-moderna (no caso, a literatura de viagens inglesa), são ainda relativamente raros nos proflerantes estudos da literatura de viagens. Neste sentido, é portanto salutar o facto de na primeira jornada deste ciclo dedicado à "Visão de Portugal por Estrangeiros" não só se tenha optado por contemplar, numa abordagem saudavelmente aberta, diversas formas, géneros e meios de hetero-representações, como o romance, a prosa jornalística, o diário memorialista e o cinema, mas também se tenha dedicado a um contexto histórico recente, tempo esse precisa e extremamente marcado por uma grande mobilidade intercultural e uma enorme oferta plurimórfica de meios de representação do

Outro. É certo que o livro de viagem já não constitui o *medium* principal de informação sobre culturas estrangeiras, mas continua a coexistir como *um* entre diversos outros elementos com os quais vamos construindo, juntando pecinha a pecinha, a nossa visão irremediavelmente fragmentária do mundo. E com o lançamento do *topos* da *fragmentação*, sendo essa, aliás, uma característica temática e formal de grande parte da literatura de viagens mais recente, passarei então ao tema e móbil principal desta minha intervenção.

A erosão de um modelo tradicionalmente totalizante do mundo, ou seja, a tomada de consciência de que nos é impossível ter uma visão abrangente e objectiva da realidade exterior que aparentemente nos possibilitaria aceder de forma não mediatizada ao mundo quer familiar, quer estranho, poderá servir-nos aqui como ponto de partida para estabelecermos uma primeira ligação - se quisermos, hipertemporal e hiper-espacial - entre Fernando Pessoa e Egyd Gstättner. Começemos assim por algumas considerações sobre o fenómeno da viagem e da literatura de viagens em que ambos os escritores manifestam com veemência a sua radical "descrença na epistemologia realista e na possibilidade, por ela postulada, de uma mimesis ontologicamente pura" (Matos 1999: 30).

De facto, "a problemática da viagem é", de acordo com as palavras da conhecida estudiosa do tema Maria Alzira Seixo, "literalmente sensível num conjunto significativo de fragmentos do *Livro de Desassossego* de Fernando Pessoa; é-o, nomeadamente, pela insistência dos sentidos que lhe são recorrentemente comunicados, e particularmente porque tais sentidos têm habitualmente uma marca semântica negativa (...)". (Seixas 1998: 173) Tanto Pessoa *soi même* como quase todos os seus heterónimos caracterizam-se pois por uma acentuada "fixidez física" em detrimento de uma apologia da viagem mental. Assim, interrogando-se sobre "Que é viajar, e para que serve viajar[,] [se] qualquer poente é o poente; não [sendo] mister ir vê-lo a Constantinopla[?]" (Pessoa 1991, Vol. II: 90s), o semi-heterónimo pessoano Bernardo Soares chega à dolorosa conclusão de que afinal "Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos". (*idem*, 91) A sua consciência amarga da

vanidade de qualquer tentativa de uma comunhão verdadeiramente interactiva com o mundo exterior e com o Outro levam-no por isso a crer que

são tão pobres sempre como livros de experiência os livros de viagens, valendo somente pela imaginação de quem os escreve. E se quem os escreve tem imaginação, tanto nos pode encantar com a descrição minuciosa, fotográfica a estandartes, de paisagens que imaginou, como com a descrição, forçosamente menos minuciosa, das paisagens que supôs ver. Somos todos míopes, excepto para dentro. (*ibidem*, 29)

Uma afirmação à primeira vista tão desconcertante como: "A ideia de viajar nauseia-me." (*idem*, 130) é, assim, apenas a consequência lógica da mundividência desencantada e do raciocínio hiperlúcido daquele que, por vontade própria e convicção filosófica, renuncia à mobilidade física e sobrepõe o valor *ontológico* da viagem imaginária à (im)possibilidade *epistemológica* da experimentação concreta de alteridade por via da viagem real.

À semelhança desta renúncia ao turismo por parte de Pessoa, também na obra de Gstättner podemos constatar uma manifesta desvalorização do imperativo moderno da mobilidade física. Apesar da viagem constituir um tema recorrente em diversos livros seus, sendo que, para além da obra aqui em análise, dois outros volumes a ela se reportam já no próprio título, como por exemplo a colectânea de pequenas peças de prosa intitulada *Loucuras em viagem. Histórias impossíveis de viajantes e de sedentários* de 1997, este autor mostra-se de um modo geral muito céptico em relação aos significados inflacionários que se costumam atribuir à viagem, particularmente na sua vertente turística dos tempos mais recentes. No entanto, em vez de se inscrever, como muitos dos seus colegas de profissão o têm feito, num discurso, de certo modo, nostálgico-purista dos "bons velhos tempos" de um mundo ainda não globalizado e não uniformizado em que os "verdadeiros" viajantes ainda poderiam descobrir de forma pretensamente autêntica a diferença

de outras culturas, Gstättner opta, pelo contrário, por desmontar de forma satírica e autoreferencial, isto é, no próprio meio da narrativa de viagem, toda a mística da viagem e da literatura de viagens tradicionalmente concebidas como veículos de acesso ao conhecimento intercultural, à presumível verdade de um mundo complexo que seria teoricamente alcançável, inteligível e representável. Na sua "viagem ao Tejo" essa desconstrução processa-se basicamente a partir da premissa de Arthur Schopenhauer - por quem, aliás, o viajante-narrador e a figura social do escritor confessam uma grande admiração, tendo-lhe Gstättner mesmo dedicado uma peça de teatro cujo título é precisamente o nome desse conhecido filósofo niilista do século XIX - de que o mundo só existe como "vontade e representação". Dito de outra forma, o mundo emerge por via de uma construção mental e retórica; ou, ainda por outras palavras, somos nós a conferir coesão e sentido à realidade exterior, sendo que esse processo atributivo ou construtivo acontece modo geral de forma inconsciente e não conflituosa. Porém, não é esse o caso quando nos deparamos com o *Novo*, o inesperado que se subtrai aos nossos esquemas mentais. Não surpreende assim que o momento do contacto concreto com o Outro, do confronto do mundo previamente imaginado com a "realidade" nua e crua durante uma viagem se configure para o nosso narrador, tal como para Bernardo Soares, como grande desilusão. Egyd Gstättner - que, de resto, é tudo menos maneirista - não poupa, pois, palavras para expressar, de um modo muito eloquente, esse monumental desencantamento face ao abismo entre o físico e a metafísica.

Um voo não é uma viagem. Um voo é a transposição duma viagem. Quando se alcança assim tão repentina e prontamente um palco mundial qualquer que anteriormente nunca se tenha visto, emerge, lá onde naturalmente se tinha esperado gigantescos mistérios, primeiro uma grande trivialidade: pornografia dos elementos. Abre-se a porta do avião, concentro-me agora, de imediato e extremamente excitado, neste instante único e irrepitível em que as minhas solas irão pisar, pela primeiríssima vez, solo português e, ainda no

mesmo instante em que acontece este momento histórico a nível pessoal, sou obrigado a perceber: *É um solo*. É um solo e não constitui qualquer pretexto para se proferir uma lendária manifestação. É um solo, sendo absurdo e descabido beijá-lo. (...) Apenas contribuí para que o mundo, como se costuma dizer, se tornasse *mais pequeno*, e não que se tornasse maior. Onde quer que se chegue, há já rotina. O desencantamento daquele que chega, daquele que ainda não sente o chegar como banalidade causada pelas muitas e permanentes chegadas a todos os cantos do mundo, no preciso momento em que um fantasiado mundo à sua volta, quer seja uma cidade quer uma paisagem, passa de repente a materializa-se, a profanar-se, oferecendo-se assim descaradamente a qualquer tipo de percepção. A imperfeição que emerge no momento em que o aproximativo se torna exacto, as coisas se tornam coisas, o nada por detrás delas se transforma em nada. E portanto a fundamental desilusão: (...) o país anteriormente nunca visto e que apenas existia distorcidamente no nosso interior, passa de repente a existir de verdade, e a partir desse instante e para o resto das nossas vidas (...) o país já *somente* existirá na realidade. Somente no exterior. Somente de forma exacta. Mais uma dessas *pequenas mortes*. A lenda deixou de ser lendária, o conto deixou de ser contável. Lisboa existe. Lisboa é como é. Lisboa é Lisboa. A Lisboa invisível foi para sempre substituída pela Lisboa vista (...). Pois sim, podemos agora fazer palavras, mas, para todos os efeitos, já perdemos. (Gstättner 2001: 41s)

Cito este trecho algo longo porque me parece demonstrar de forma particularmente significativa e paradigmática que nos encontramos perante uma escrita aparentemente leve e superficial, mas que no fundo é urdida de uma grande densidade intertextual. Para além de algumas semelhanças com o discurso da figura do realizador falhado no filme de Wim Wenders *Lisbon Story* (1995), nomeadamente, quando ele afirma algo no sentido de que "o apontar da câmara é matar o momento e a coisa em si", decidindo-se por-

tanto a colocar a sua máquina de filmar nas costas para constituir um arquivo infinito de "imagens nunca vistas", na passagem supracitada da narrativa de Gstättnner há também um nítido piscar de olho ao anti-relato de viagem por excelência, a saber, a "hiper-viagem" literária de Italo Calvino *Se Numa Noite de Inverno um Viajante*, em que a certo passo se diz que "voar é o contrário de viajar" (Calvino 1999: 193). Mas é sobretudo a semelhança com a ideia pessoana da futilidade e inutilidade da viagem real que aqui nos salta à vista, já que também nas palavras de Bernardo Soares viajar fisicamente não significa senão obter-se uma "cópia débil" das coisas construídas "com a substância da imaginação" (Pessoa 1991: 91). Pois, "as verdadeiras paisagens são as que nós mesmos criamos, porque assim, sendo deuses delas, as vemos como elas verdadeiramente são, que é como foram criadas. Não é nenhuma das sete partidas do mundo aquela que me interessa; a oitava partida é a que percorro e é minha." (*ibidem*).

Como defensor semi-irónico de um sedentarismo paradoxalmente provinciano e cosmopolita, ou seja, do *stabilitas loci*, como lhe chama numa narrativa breve de 1994 com esse título, Gstättnner segue na sua obra, bem à maneira de Pessoa e seus heterónimos, a "máxima da permutabilidade ontológica dos cenários mundiais" (Gstättnner 1998: 20). Por consequência, também não poupa a literatura de viagens na sua falaciosa concepção clássica como meio de transporte documental, como transmissor de "realidades factuais" e verdades absolutas. O "viajante sedentário" afirma por isso, numa alusão e homenagem ao cepticismo epistemológico de Bertrand Russel: "O último que fez uma viagem e que ainda tinha algo a contar sobre esse empreendimento foi o Senhor Russel (...), o que ele tinha a contar foi que nada havia a contar, isso é pois o mais valioso que se pode contar." (Gstättnner 1994: 38) Já quase no final da *Viagem ao Tejo com Pessoa na bagagem*, ao observar um jovem casal português de namorados a beijarem-se apaixonada e calorosamente em pleno pátio do Castelo de São Jorge, o narrador chega a uma conclusão muito semelhante à do filósofo dos "alcances e limites do conhecimento humano":

Quando alguém faz uma viagem, nunca sabe o que dessa viagem trará consigo para casa. Nem sempre o são as impressões esperadas, as imagens previsíveis. Nem sempre, o típico, o característico, o específico. (Desta vez) não o é o Atlântico, nem o Tejo. Não o é Cascais, nem a Praça do Comércio. Não o é a Baixa, nem Alfama. Não o é a Torre de Belém, nem o Cristo sobre a colina. Não o é o Pessoa de bronze, nem o Pessoa feito de ar. *Um beijo*. Desloco-me dois mil quilómetros de avião a um outro país, e o que fica é um beijo. Nem sequer um beijo que tenha recebido ou dado, um beijo que apenas vi. Um beijo que poderia ter visto em qualquer outro lugar, mas que vi precisamente aqui. Um beijo: o oposto do niilismo oceânico, o oposto de pensar e filosofar, de escrever e fumar. Um beijo: o oposto de tudo. (100)

É portanto o ininteligível, o mistério indizível e irrepresentável que restará como essência residual na memória da viagem.

Nesta "declaração de amor" à cidade de Lisboa, conforme o afirmou o próprio Gstättnner aquando da sua *tournee* em Maio de 2001 por diversas universidades portuguesas onde leu excertos da "Viagem ao Tejo", enuncia-se também o pretexto inicial da viagem real empreendida pelo autor em 1996, ou seja, ir ao encontro de uma Lisboa onde procurava, não tanto o deslumbrante folclore meridional - sol, mar e palmeiras - que os turistas nórdicos aí costumam esperar, mas sobretudo aquilo a que ele chama "um puro niilismo português" (17), o "niilismo oceânico" de Fernando Pessoa. Ciente da "impossibilidade de viver(mos) fora do texto infinito" (Barthes: 77) e face à consciência de se tratar de uma quimera podermos aceder a uma realidade estranha de forma não mediatizada, visto que qualquer experimentação do mundo se processa sempre por via de esquemas e dispositivos perceptuais que são, por sua vez, determinados por uma interminável teia de *pré*-textos de ordem quer pessoal quer colectiva, quer (auto)biográfica quer histórica, Gstättnner lança-se portanto premeditadamente numa fuga para a frente, isto é, na exploração exaustiva do jogo tipicamente pós-moderno da citação, da colagem e da mistura fragmentária de

géneros, convidando assim o leitor a participar activamente nas deambulações do narrador e desafiando-o a dissecar uma complexa teia de múltiplos tipos de referências intertextuais ora claramente demarcadas, ora mais ou menos camufladas.

As "referências intertextuais de reverência" (Pfister 1993: 121) a Fernando Pessoa manifestam-se desde logo no fenómeno paratextual do epígrafe com uma citação do *Livro do Desassossego*:

Contento-me, afinal, com muito pouco: o ter cessado a chuva, o haver um sol bom neste sul feliz, bananas mais amarelas por terem nódoas negras, a gente que as vende porque fala, os passeios da Rua da Prata, o Tejo ao fundo, azul esverdeado a ouro, todo este recanto doméstico do sistema do Universo.

Contrariamente ao que o leitor, sobretudo o nórdico de língua alemã, poderia esperar a partir desta descrição (pseudo)bucólica da capital portuguesa, neste livro não encontrará porém um relato de viagens convencional que trace um quadro romântico-exótico do sul. Sendo certo que o viajante não conseguirá dissimular ao longo do texto um certo encantamento pela aura mediterrânica de Lisboa e seus arredores, como o belíssimo "nascer do sol marítimo-primaveril", pelo qual o nosso "viajante niilista", conforme confessa, "estaria de imediato disposto a deslocar todos os Alpes em (sua) troca", temendo no entanto que em Portugal ninguém os queira (49), a imagem transmitida, sem que se deixe de recorrer a diversos *ex libris* e estereótipos turísticos, pauta-se por um estilo satírico e desmistificador que renuncia a qualquer tentativa de exotização. Assim, "o teatro nacional no Rossio é, tal como todos os teatros nacionais, de uma imponência tão faustosa, tão cinzenta e tão repugnante que nem sequer dá vontade de entrar" (74). "O parlamento tem o aspecto de todos os parlamentos. (...) Como em todo o lado, pode deduzir-se tratar-se de política quando algures qualquer coisa se encontra em estado de decomposição." (*idem*) E nem a abundância dos tão típicos "azulejos por todo o lado, em todos os tamanhos e feitios" escapam ao seu discurso demolidor: "O centro

de Lisboa, o Bairro Alto e a Baixa são gigantescas casas de banho e gigantescas peixarias viradas ao avesso". (56) O "venerável elevador de metal cinzento [de Santa Justa]" transforma-se "numa jaula suspensa". (73) O oceano junto à Boca do Inferno em Cascais é reduzido a um "cenário" natural pouco espectacular, não passando de um mero motivo para as máquinas fotográficas dos turistas. (81) Pelo contrário, a "Boca do Inferno urbano" (95), os bairros decadentes de certas zonas de Lisboa atravessados pelo narrador num passeio de eléctrico, precisamente por serem lugares onde "ninguém tira fotografias. *No Kodak moment!*" (95), merece-lhe uma descrição mais detalhada que evoca um ambiente terceiro-mundista conveniente à visão negativista do "viajante niilista". Os ícones nacionais da Torre de Belém e outros monumentos comemorativos dos Descobrimentos não somente são (des)qualificados como "coisas sem qualquer interesse" (86), mas também são imaginariamente submetidos a uma sórdida "dessacralização" do seu simbolismo histórico:

O *Padrão dos Descobrimentos* na margem do Tejo, onde a figura de betão em tamanho sobrenatural de Henrique o Navegador, colocada na proa de uma caravela estilizada, dirige um grupo de sobrenaturais capitães de betão, astrónomos de betão, cartógrafos de betão e cronistas de betão, todos eles encunhados num muro de betão. Estes descobridores alinhados no monumento aos descobrimentos têm todos um aspecto muito patético (...) e ao observar o monumento comemorativo advém-me o indomável desejo de que todas as figuras dessem um pequeno passo em frente, de modo a tombarem, todas em conjunto, nas águas do Tejo. E assim suspira Pessoa:

Cantigas de Portugueses
São como barcos no mar -
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar (86)

Enquanto que aqui se recorre de forma *explicita* à citação de uma quadra de Pessoa, ainda no mesmo capítulo dedicado à zona de Belém também se procede a uma forma *implícita* de intertextualidade. Num contraste aberrante entre a lírica pessoana e a prosa utilitária, que este versátil poeta-pensador também produziu, Gstättnner contrapõe aos versos citados, de forma bastante bem camuflada e somente desvendável para um conhecedor pelo menos razoável da obra de Pessoa, duas breves e banalíssimas passagens descritivas do Mosteiro do Jerónimos (87) extraídas do seu guia turístico, escrito originalmente em inglês e somente editado em 1992 numa versão bilingue com o título *Lisboa: O que o turista deve ver/ What the tourist should see*.

Mas na sua visita ao Tejo o viajante austriaco não leva apenas Fernando Pessoa na bagagem. Há pois outros tipos de intertextualidade que de seguida gostaria de passar muito brevemente em resenha. Num dos seus variadíssimos ensaios sobre Pessoa, Antonio Tabucchi estabelece uma interessante interligação comparatista a que Egid Gstättnner irá recorrer e explorar no seu relato de viagem:

Há um fio de fumo que atravessa a Europa literária do século XX para unir imaginariamente, através de dois escritores, duas cidades longínquas, incomunicantes, ignaras uma da outra. As cidades são Lisboa e Trieste, os personagens, Fernando Pessoa e Italo Svevo. O fumo que os une é o de um cigarro. (Tabucchi 1984: 63)

Sendo o nosso escritor-viajante de final do século XX ele próprio um fumador compulsivo, aproveita este "sinal de fumo" emitido por Tabucchi para juntar em Lisboa não dois, mas três niilistas: o viajante austriaco, tratando-se obviamente de uma figura semi-autobiográfica, Fernando Pessoa e Italo Svevo. As deambulações pela cidade são assim encenadas a dois níveis distintos. Por um lado, há a perspectiva do narrador que, apesar de fortemente condicionada por diversos pré-textos literários, sobretudo pelo *Livro do Desassossego* e por *Una vita* de Svevo, não deixa de focar aspectos sociais da Lisboa dos nossos tempos, como o fenómeno de

massas do futebol (sendo esse, aliás, uma das grandes paixões da pessoa "real" Gstättnner, o que por exemplo se manifesta nas suas crónicas quinzenais dedicadas ao desporto e à literatura numa conhecida revista vienense) ou o problema da formação da juventude e do crescente desemprego académico em Portugal a que no presente livro dedica um belíssimo capítulo (XIX). Para além dessas observações que o próprio viajante austriaco vai fazendo e textualizando durante as suas deambulações por Lisboa, há também os passeios pela cidade durante os quais o correspondente comercial Fernando Pessoa vai mostrando a cidade a Italo Svevo, Ettore Schmitz de seu nome civil, que aí se deslocara na sua função de representante comercial de "esmaltes subaquáticos para cascos de navios" ao serviço da firma dos sogros do poeta de Trieste, função essa que ele de facto desempenhou durante alguns anos. A par de aproveitar esse encontro de negócios - que nunca aconteceu, mas que poderia ter acontecido - entre duas figuras com biografias algo semelhantes, nomeadamente, a divisão da vida de ambos entre o mundo profano do comércio e a literatura, o que se reflecte respectivamente no "diário íntimo" do ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e no romance do empregado de escritório Afonso Nitti, protagonista de *Una vita*, a obra de estreia de Italo Svevo (infelizmente ainda não traduzida para português), Egid Gstättnner encadeia, num livro que aparentemente se concebe como um mero relato de uma viagem a Lisboa, laivos daquilo a que se poderia chamar um ensaio de comparatística literária. Não se limitando a esta referência interbiográfica e intertextual entre Pessoa e Svevo, o autor nosso contemporâneo ainda lhe acrescenta uma terceira figura literária do início do século XX de renome internacional, a saber, James Joyce. Uma vez que Fernando Pessoa não só dominava mas cultivava o inglês como língua de conversação e visto que Svevo teve que apreender essa língua universal para as suas deslocações em negócios, Gstättnner não deixa passar essa oportunidade em claro para aqui atribuir também um "pequeno e funcional papel secundário" (52) a James Joyce que foi, de facto, não somente o professor de inglês de Italo Svevo na *Berlitz School of Trieste*, mas posteriormente se tornou um divulgador importante da obra desse poeta italiano que durante décadas

fora completamente ignorada pela crítica literária. Para a percepção, ou melhor, para a leitura da cidade de Lisboa propriamente dita, Trieste, a cidade natal de Svevo e onde Joyce viveu durante alguns anos, passa assim a desempenhar a função - muito típica do género da literatura de viagens - de uma analogia, de um termo de comparação como meio de aproximação e apreensão de uma realidade desconhecida. Lisboa, tanto no que diz respeito à sua arquitectura, mas também no que simbolicamente concerne o seu carácter niilista que a escrita e leitura de Fernando Pessoa lhe atribuem, funcionará doravante para o nosso viajante como "Little Trieste".

Resumindo, a complexa e multifacetada técnica intertextual, a sobre e justaposições de perspectivas, discursos, vozes, tempos e géneros textuais distintos, como o relato da viagem propriamente dita, a escrita autobiográfica, o ensaio literário e filosófico, resulta num denso palimpsesto. Perante tal complexidade e face ao forte cunho autoreferencial da escrita de Gstättnner, seria de supor que a *Viagem ao Tejo com Pessoa na bagagem* se constituísse como um texto hermético, pesado e de leitura fatigante. No entanto, uma vez terminada a viagem do leitor, não é essa a impressão com que ele ficará. Pois, com o seu estilo tragicómico, burlesco, satírico-mordaz, Gstättnner consegue imprimir à sua narrativa de viagem uma aura de leveza que nos faz suportar o nosso desassossego, a nossa hiper-consciência da vanidade e do absurdo da vida. A "essência" do mundo, essa manter-se-á no silêncio, essa terá obrigatoriamente de criar e suportar cada um em si, já que é incomunicável.

«Reparou naqueles dois senhores», pergunta o secretário [que é o acompanhante do viajante-narrador], quando finalmente entramos no carro (...) e nos pomos a caminho do aeroporto, «que passeavam lá ao fundo ao longo do molhe, escondendo as suas faces por baixo das abas dos chapéus?» Reparei, sim. Mas agora já é tarde de mais.

«Bem, meu caro Ettore [Ettore Schmitz é o nome civil de Italo Svevo]! Agora já ninguém nos pode ouvir, agora estamos sossegados. Vamos portanto ao essencial!» (106)

É com esta alusão à filosofia da indizibilidade do (também) austríaco Ludwig Wittgenstein que termina esta viagem errática a Lisboa em busca do niilismo oceânico, viagem que fora afinal iniciada apenas para "poder comprovar em Lisboa o que em casa desde sempre soubera" (18). Podemos assim concluir que tal tal como para Pessoa, também para Gstättnner o "verdadeiro" encontro com o Outro só é possível numa dimensão transtemporal e transespacial, ou seja, dentro do (inter)texto infinito de que a literatura (de viagens) faz parte.

BIBLIOGRAFIA

- Barthes, Roland (1997): *O Prazer do Texto*, Lisboa: Edições 70.
- Calvino, Italo (1999): *Se Numa Noite de Inverno um Viajante*, Lisboa: Vega.
- Gstättner, Egid (2001): *Februarreise an den Tejo. Teil I der Trilogie Die Nichtstuer des Südens*, Viena: Edition Atelier. [Citações a partir da versão portuguesa: *Viagem ao Tejo com Pessoa na bagagem*, Porto: Granito, 2001. (Tradução, prefácio e notas de Mário Matos)]
- Gstättner, Egid (1998): *Schreckliches Kind*, Viena: Edition Atelier.
- Gstättner, Egid (1997): *Alles Irre unterwegs. Unmögliche Geschichten von Reisenden und Daheimbleibern*, Viena: Almathea.
- Gstättner, Egid (1994): *Servus oder Urlaub im Tauerntunnel*, Viena: Paul Zsolnay Verlag.
- Matos, Maria Jacinta (1999): *Pelos Espaços da Pós-Modernidade. A Literatura de Viagens Inglesa da Segunda Grande Guerra à Década de Noventa*, Porto: Afrontamento.
- Pessoa, Fernando (1997): *Lisboa: o que o turista deve ver/What the tourist should see*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Pessoa, Fernando (1991): *O Livro do Desassossego*, Vol II., org. Teresa Sobral Cunha, Lisboa: Editorial Presença.
- Pfister, Manfred (1993): "Intertextuelles Reisen, oder: Der Reisebericht als Intertext", in Herbert Foltinek et al. (ed.): *Tales and "their telling difference". Zur Theorie und Geschichte der Narrativik*, Heidelberg: C. Winter, pp. 109-132.
- Seixo, Maria Alzira (1998): *Poéticas da Viagem na Literatura*, Lisboa: Cosmos.
- Tabucchi, Antonio (1984): *Pessoana mínima*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.